

Cartas marcadas

Venezuela convida ONU, EUA e UE para monitorar eleições

Chavismo tenta legitimar votação de julho; oposição critica inabilitações e prazos curtos para envio de observadores

CARACAS

Autoridades eleitorais da Venezuela convidaram ontem União Europeia, EUA, especialistas da ONU e do Carter Center para enviar observadores para as eleições presidenciais de 28 de julho. Elvis Amoroso, presidente do Conselho Nacional Eleitoral (CNE), disse que todos serão bem-vindos “desde que cumpram os requisitos e as normas legais e constitucionais”.

Os opositores do presidente Nicolás Maduro, que tenta mais um mandato de seis anos, exigem que as eleições sejam fiscalizadas e reclamam que o sistema eleitoral está desacreditado, após anos de fraudes e desqualificação de partidos e dos principais candidatos antichavistas, incluindo María Corina Machado, Henrique Capriles e Juan Guaidó.

O CNE, acusado de ser um apêndice da ditadura chavista, também convidou representantes da Comunidade de Estados Latino-Americanos e

Caribenhos (Celac), do Brics, da Comunidade do Caribe (Caricom), da União Interamericana de Organismos Eleitorais (Uiores) e da União Africana (UA). As missões devem ser técnicas, sem envolvimento de atores políticos.

O convite foi feito dois dias depois de o CNE marcar as eleições para julho, no dia do aniversário de Hugo Chávez, patriarca da revolução bolivariana, da qual Maduro é devoto. As candidaturas poderão ser registradas entre os dias 21 e 25 de março e a campanha ocorre entre 4 e 25 de julho.

Prazo curto
Eleições eram marcadas com antecedência de 6 meses – agora, faltam 4 meses para votação

Alguns especialistas, no entanto, temem que os prazos curtos, incluindo para o registro de candidatos, possam afetar a competitividade e o próprio envio de observadores para monitorar os diferentes estágios do processo eleitoral.

“Não há tempo para criar missões de observação. Obviamente, os prazos são absurdos”, afirmou Benigno Alarcón, professor e cientista político da Universidade Católica Andrés Bello, de Caracas.



Elvis Amoroso (C), presidente do CNE: convite com precondições

As eleições presidenciais na Venezuela têm sido convocadas com pelo menos seis meses de antecedência. Desta vez, faltam quatro meses para a votação. “Certamente, eles tentarão convidar algumas personalidades amigas para vir no dia da eleição, porque no dia da eleição há muito pouco que se possa ver”, acrescentou Alarcón.

DIPLOMACIA. Ao escolher uma data posterior a 1.º de julho e convidar observadores, o CNE permite que Maduro cumpra parte do acordo assinado em Barbados, mediado pela Noruega, em outubro de 2023, com parte da oposição, que previa eleições no segun-

do semestre de 2024 e prometia criar condições políticas para que a votação fosse livre e competitiva.

Nas últimas eleições, missões internacionais de observação denunciaram irregularidades que, segundo especialistas, afetaram a igualdade de condições no processo eleitoral, como a desqualificação de candidatos da oposição, o uso de recursos do governo na campanha e o acesso desigual à mídia.

Na Venezuela, a inabilitação se tornou uma penalidade aplicada quando há uma sentença judicial final contra algum líder – exclusivamente opositor. Os críticos de Chávez e de Maduro, incluindo María Cori-

na, denunciam que a desqualificação tem sido usada há muito tempo como arma política do chavismo.

María Corina venceu as primárias da oposição em outubro com uma maioria esmagadora de mais de 90% dos votos. Segundo pesquisas, ela era o nome que mais ameaçava a reeleição de Maduro. A opositora perdeu seus direitos políticos por 15 anos por ter cometido “irregularidades administrativas” quando era deputada, entre 2011 e 2014.

De acordo com a Justiça venezuelana, María Corina participou de um esquema de corrupção orquestrado por Guaidó, que se autoproclamou presidente interino da Venezuela, em 2019, quando presidia a Assembleia Nacional – o Ministério Público nunca apresentou provas.

CONTRA O TEMPO. A ironia é que María Corina não fazia parte da Assembleia Nacional que era presidida por Guaidó e ainda estava entre seus críticos mais severos. Sua inabilitação foi confirmada em janeiro pelo Tribunal Supremo de Justiça (TSJ). Ela disse mais de uma vez que não reconhece a decisão e continuou suas viagens pelo país.

Agora, a oposição corre contra o tempo para definir um substituto para María Corina. Ela, no entanto, ainda age como se fosse candidata. “Para os que falam de um substituto, tenho uma surpresa”, disse ontem a ex-deputada em um comício em Barinitas. “O substituto está aqui. Sabem quem é? Sou eu. Sou eu que vou substituir Maduro.” ● AP

África

Homens armados sequestram 287 alunos de escola na Nigéria

ABUJA, NIGÉRIA

Homens armados atacaram ontem uma escola na região noroeste da Nigéria, capturando pelo menos 287 estudantes, no segundo sequestro em massa no país em menos de uma semana. As autoridades haviam dito anteriormente que mais de 100 jovens teriam sido feitos reféns. Mas Sani Abdullahi, o diretor da escola, afirmou ao governador de Kaduna, Uba Sani, que o número total de desaparecidos após a contagem era de 287. “Vamos garantir que todas as crianças voltem. Estamos trabalhando com as agências de segurança”, disse o governador.

Sequestros em troca de resgate se tornaram endêmicos no norte da Nigéria, prejudicando o dia a dia e fazendo com que muitas crianças não participem da vida escolar. Os raptos tornaram-se uma preocupação desde 2014, quando extremistas islâmicos raptaram mais de 200 jovens na aldeia de Chibok, no Estado de Borno.

RESGATE. Nos últimos anos, os raptos concentraram-se nas regiões noroeste e central, onde dezenas de grupos armados têm frequentemente adotado como alvo aldeões e viajantes em busca de enormes resgates. Em 2021, homens armados levaram mais de 80 alunos de uma escola no Estado de Keb-

bi, no noroeste do país.

O ataque de ontem ocorreu dias depois que mais de 200 pessoas foram raptadas por extremistas no nordeste da Nigéria. Mulheres, crianças e estudantes são frequentemente alvo de raptos e muitas vítimas só são libertadas depois de pagarem resgates, que servem para financiar a luta armada.

CRISE. Os observadores internacionais dizem que ambos os ataques são um lembrete do agravamento da crise de segurança na Nigéria, que resultou na morte de centenas de pessoas em 2023, de acordo com análise da Associated Press.

Bola Tinubu foi eleito presidente da Nigéria no ano passado depois de prometer acabar com a violência. “No entanto, ainda não houve nenhuma melhoria tangível na situação”, afirmou Oluwole Ojewale, pesquisador da África Ocidental e Central do Instituto de Estudos de Segurança. ● AP

Haiti

Premiê segue em Porto Rico e estende estado de emergência por mais um mês

O governador de Porto Rico, Pedro Pierluisi, disse ontem que o premiê do Haiti, Ariel Henry, está na ilha. Ele pretende voltar, mas não sabe quando. Enquanto isso, o governo haitiano prorrogou por mais um mês o estado de exceção na capital, Porto Príncipe, atingida pela violência de gangues. A medida foi decretada no domingo, após um grupo armado invadir uma prisão e libertar quase todos os 3 mil presos. O líder da gangue G9, Jimmy Chérizier, alertou na terça-feira que se Henry não renunciar, o país caminhará para uma guerra civil. ●

Família real

Saúde de princesa volta a ser questionada após comentários do tio em reality show

O estado de saúde da princesa de Gales, Kate Middleton, que passou por uma cirurgia abdominal no início do ano, voltou a ser assunto ontem, após as declarações de Gary Goldsmith, tio de Kate que está confinado no programa Celebrity Big Brother. Ele disse que a princesa estaria recebendo “o melhor cuidado do mundo”, mas não quis dar mais detalhes, mencionando que havia um “código de etiqueta” na família real. ●



KIN CHEUNG / AP

PHOTO AND DISTRIBUTED BY PIRELLA GÖTTSCHE LOWE
Foto: Pirella Göttsche Lowe
Copyright 2024 Pirella Göttsche Lowe

P pressreader